MOVIMENTO

INC PAGA PRÊMIOS

O Instituto Nacional do Cinema pagará aos produtores de filmes nacionais exibidos entre primeiro de janeiro e trinta de junho de 1970 os prêmios a que têm direito, de acôrdo com a Resolução INC n.º 15, ou seja, 10% sôbre a renda líquida naquele período. Um adiantamento no valor global de Cr$ 1.000.000,00 (hum milhão de cruzeiros) sôbre os prêmios previstos na resolução citada será dividido em base percentual entre os filmes do semestre. Esta medida está regulamentada pela Resolução nº 40, de 16 de julho de 1970.

TRÊS PIONEIROS

O cinema brasileiro perdeu três pioneiros, nos últimos meses. Todos tiveram destacada atuação nos ciclos regionais, numa fase em que a produção nacional se expandia fora do eixo Rio-São Paulo.

Silvino Santos, documentarista amazonense, que realizou alguns curtas-metragens na década de 20, morreu, em Manaus, a 14 de maio, com 83 anos de idade. De origem portuguêsa, veio ainda jovem para o Brasil, atraído pela Amazônia. Em 1918, participou da fundação da Amazônia Cine Filmes, cujo objetivo era filmar as riquezas da região. Entre outros trabalhos, fêz *No País das Amazonas* (1921) e *No Rastro do Eldorado* (1924), no qual relata a expedição do cientista norte-americano Alexander Hamilton Rice pelas selvas amazônicas. Seu último filme, um documentário sôbre o Rio (1923), ficou inacabado.

Moacir Miranda, ator e exibidor alagoano, faleceu a 15 de julho, aos 61 anos de idade, deixando uma filmografia expressiva para a produção de sua época: os anos 30. Participou de dois filmes dramáticos realizados em Maceió, numa fase de efervescência dos cinemas regionais (Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Goiás): *Casamento é Negócio*, de Guilherme Rogato, e *O Bravo do Nordeste*, de Edson Chagas. Em outra atividade, como exibidor, era proprietário de um modesto cinema de bairro, o Luz, que montou há alguns anos em Ponta Grossa, na capital alagoana.

João Batista Groff, pioneiro paranaense, desapareceu aos 72 anos de idade, em Curitiba. Autodidata, Groff foi o primeiro cineasta a filmar as cataratas do Iguaçu, na década de 20. A fita despertou interêsse de norte-americanos, que compraram uma cópia, inserindo-a em outro filme, *Maravilhas da Natureza*. Num documentário de média-metragem intitulado *A Pátria Redimida*, Groff registrou a Revolução de 1930, seguindo a trajetória de Getúlio Vargas, desde o Sul do país. Também filmou a Revolução de 1932 e, durante vários anos, manteve jornal de atualidades e realizou curtas-metragens promocionais pelo Estado do Paraná.

STERNHEIM FILMA "PAIXÃO NA PRAIA"

Documentarista premiado várias vêzes, desde seu primeiro curta-metragem (*Noturno*), Alfredo Sternheim empreende agora um vôo ambicioso, na área do filme longo: *Paixão na Praia*, argumento seu premiado pela Comissão Estadual de Cinema de São Paulo. Para filmá-lo, Sternheim reuniu intérpretes como Norma Bengell, Adriano Reys e Lola Brah, e planejou uma produção caprichada, envolvendo locações variadas e grande número de personagens. A essa tarefa, o jovem diretor se lança de corpo inteiro e com muita confiança. Além de *Noturno*, realizou os curtos *Flávio de Carvalho*, *A Batalha dos Sete Anos*, *Isei Nisei Sansei* e outros, e foi assistente de direção de Walter Hugo Khoury, em *A Ilha* e *Noite Vazia*.

FC — Que significa para vocês esta primeira experiência no longa-metragem?

Norma Bengell e Adriano Reys: Paixão na Praia.

AS — Significa muito, tudo, já que é o primeiro passo junto ao meu ideal, para o qual venho lutando há muitos anos. Se fiz documentários, se fiz crítica de cinema, se fui assistente de direção, a intenção era essa: chegar ao longa-metragem. É lógico que houve dificuldades, decepções, algumas típicas aos estreantes no longa-metragem. Mas valeu a pena.

FC — A direção de atôres não lhe intimidou um pouco?

AS — "A priori", trabalhar com um "monstro sagrado" como Norma Bengell, intimidou. Mesmo tendo já convivido com ela, como era o meu caso (fui assistente de *Noite Vazia*). Ela realmente é uma grande atriz. E vê-la dando vida ao personagem que criei foi uma imensa satisfação, apaga, dilui, as mágoas surgidas no relacionamento em filmagem. Mas, de resto, não houve problemas, nem com Adriano Reys, nem com Lola Brah (ótima profissional e grande atriz), nem com Ewerton de Castro, um estreante que, acredito, vai fazer carreira.

FC — O argumento e o roteiro são seus, trata-se de uma idéia antiga ou você os escreveu tão logo viu a possibilidade de fazer um filme?

AS — O argumento já existia há muito tempo. Eu o tinha escrito há uns três, quatro anos atrás. O roteiro eu o fiz, logo que soube da possibilidade de fazer o filme.

FC — Fale sôbre os membros da equipe técnica de "*Paixão na Praia*".

AS — A iluminação e câmara são de Antônio Meliande, estreante. Discípulo de Ruy Santos, êle realmente é ótimo, eficiente e criativo. A montagem é de Sílvio Renoldi, cujos excelentes trabalhos anteriores (*A Hora e Vez de Augusto Matraga*, *Quelé do Pajeú*) dispensam apresentação. Estou satisfeito com tôda a minha equipe, pequena, mas de modo geral eficiente.

FC — Quais os seus projetos imediatos?

AS — Vários, mas nenhum ainda em concreto. Não pretendo ser fiel a um